



ENTRE CASA E COMPRAR BICICLETA, A ARGUMENTAÇÃO

Sempre gostei de pedalar. Mas depois venham a adolescência, a faculdade, as festas, os namoros, muito de casa e a bicicleta foi esquecida. O gosto pelo pedal morreu, depois de "mais um dia", nem sei como chegou exatamente. Há um certo tédio, sai de um relacionamento tumultuado, no qual só havia duas alternativas: ou casava lá ou ia infeliz ou comprava uma bicicleta. Optei pela bike. Prometidamente porque queria fazer corrida de aventura. Então fui até a loja e comprei uma das melhores que tinha na época, bem cara, bem bonita, linda. Caríssima! Acho que pagou toda minha frustração do relacionamento ao sair da bicicleta. Mas entre comprar a bike e sair com ela eram outros quinteiros. Não conhecia ninguém que pedalaria, não tinha coragem de ir lá de garagem. E não durou esse mês, o tempo que paguem a bike.

Resgatando pela net, encontrei o site de um grupo que pedalava nas 7 ruas de São Paulo, o C&B (www.cab.com.br). Eles ti-

nhem o que eu precisava, um passeio às segundas, que eles chamam de C&B atômico. Nada muito pesado pra quem está iniciando. E foi lá que cresci coragem de sair de casa e pedalar. Não foi fácil. Chegar até lá parecia já ter um sacrifício. E as montanhas primeiras subidas, então? Dificuldade de respirar, "coração na boca" e a vontade de desistir sempre presente, com muito medo de pedalar à noite e ser "enquadrado" pelo grupo e ficar sozinho em algum lugar que não conheço.

Hoje pedalo com todos os grupos que aparecem e cada um tem sua característica. Há dois anos ho transferido para o Rio de Janeiro por causa do trabalho. Não conhecia ninguém, tudo era novo e assustador para mim.

A primeira coisa que fiz foi alugar um apartamento do lado da melhor loja de bike do Rio. Foi ali que fiz amigos que ficaram para sempre. A bicicleta proporciona explorar as regiões muito além do "asfalto" ou de carro. A cada 15 dias, subimos à noite, em um grupo de 40 ciclistas, a estrada para o Cristo Redentor, pela

Fioravante de Teófilo. Lá, uma bota d'água nos esperava bem ao pé do Cristo, para o banho refrescante de 20h ou então fazíamos um pipuquique ao luar. Imagine quantas pessoas nascendo e crescendo no Rio e nunca sentindo esse prazer. E acho que a gente é maluca. Às vezes sinto preconceito, sim. Acho que vem das próprias mulheres, por acreditarem que a bike é um esporte muito masculino. Você vê mais mulheres no carro do apoio do que pedalando.

Em provas, você sente a "raiva" mas olho dos competidores que são ultrapassados por uma mulher. Eles não sabem e é por isso que gostei de competir, passar na frente de todos que puder. É a minha vingança contra os homens! Lógico que para tudo isso há o preço a pagar. Já foi muito baladeira, já superfei muito cigarro na noite e por muitos meses vi o sol amarelecendo na rua. Hoje, eu penso muito antes de sair se tiver um passeio no domingo de manhã.

Lilian Frazão, 38 anos, editora